

## **O BALÉ DE JANE JACOBS: UM LEVANTAMENTO SOBRE A RUA ANTÔNIO FÉLIX NO BAIRRO SÃO SEBASTIÃO NA CAPITAL DO SERTÃO DA PARAÍBA.**

Katilly Joyce Paulino de Medeiros<sup>1</sup>  
Herbet Candeia Rodrigues<sup>2</sup>  
Marcos Michael Gonçalves Ferreira<sup>3</sup>  
João Paulo da Silva<sup>4</sup>

### **RESUMO**

Pensar as cidades é uma tarefa complicada e que deve levar em consideração os diversos fatores que a compõem. Fugindo assim das ideias dos denominados “urbanistas ortodoxos”, este trabalho se propõe, por meio da vivência etnográfica, ou seja, o estudo de um local por meio de uma visão interna, analisar a rua Antônio Félix a partir de uma perspectiva sócio urbanística, trazendo à tona as teorias de Jane Jacobs, importante jornalista, ativista e escritora do século XX que se dedicou a estudar o planejamento urbano e as práticas de renovação do espaço público das grandes metrópoles dos Estados Unidos. Assim, espera-se chamar atenção a diferentes métodos de entendimento dos espaços urbanos, se distinguindo daqueles que muitas vezes são ensinados em cursos e universidades.

**Palavras-chave:** Antropologia, Etnografia, Arquitetura e Urbanismo, Jane Jacobs.

### **1 INTRODUÇÃO**

Não há forma de pensar o espaço sem uma história acompanhada, de forma que as ruas são formadas por pessoas para pessoas. Desta forma, os lugares conseguem falar sua história e desenvolvimento a quem tem a tarefa de observar. Carlos Nelson (1985) fala “que, uma vez fundadas, as cidades vivem se refazendo, jamais estão prontas. Talvez esse enfrentamento do espaço e do tempo através de ações sociais se pudesse chamar com mais propriedade de história - de história urbana pelo menos”. É importante não esquecer dessas histórias e levar em consideração como essas cidades e espaços se transformam ao longo dos tempos, levando em consideração que estes são organismos vivos em pleno desenvolvimento.

---

<sup>1</sup> Ensino Médio e Técnico pelo Curso de **Manutenção e Suporte em Informática** do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba - IFPB, [katillyp@gmail.com](mailto:katillyp@gmail.com);

<sup>2</sup> Ensino Médio e Técnico pelo Curso de **Manutenção e Suporte em Informática** do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba - IFPB, [herbertcandeia3@gmail.com](mailto:herbertcandeia3@gmail.com);

<sup>3</sup> Mestrando do Curso de **Design** do Centro de Estudos e Sistemas Avançados do Recife - CESAR, [arquiteturamm@yahoo.com.br](mailto:arquiteturamm@yahoo.com.br);

<sup>4</sup> Doutor pelo Curso de **Ciências Sociais** da Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN, [joao.silva@ifpb.edu.br](mailto:joao.silva@ifpb.edu.br).

Por muito tempo, houve a crença de que a arquitetura deveria produzir cidades com base em fórmulas prontas, o denominado planejamento urbano, pensado por urbanistas como Ebenezer Howard, com seu modelo de cidade Jardim, até Le Corbusier, que elaborou a Ville Radieuse. A ideia central de Howard era criar cidadezinhas autossuficientes, descentralizando e desadensando-as. Ele compreendeu que a melhor maneira de lidar com a cidade grande e suas funções era selecionar e separar os usos simples e dar-lhes uma independência relativa (NETO e PALACIOS, 2012). Sobre a cidade Radieuse, é possível observar que:

Já nos anos de 1920, Le Corbusier planejou uma cidade imaginária denominada Cidade Radiosa (Ville Radieuse). Composta basicamente por arranha-céus dentro de um parque. A densidade era muito alta (296 habitantes por mil metros quadrados), a população era distribuída nestes arranha-céus. Dessa forma, 95% do solo estariam livres para circulação. As pessoas de alta renda ficariam nas moradias mais baixas e luxuosas, ao redor de pátios, com 85% de áreas livres. Em uns e outros lugares haveria restaurantes, museus, teatros. A cidade dos sonhos de Le Corbusier fez grande sucesso. Foi inspiração para inúmeros projetos de conjuntos habitacionais e até mesmo cidades, como é o caso de Brasília.

(NETO e PALACIOS, 2012).

De contraponto a estas ideias, surgiu Jane Jacobs, quando esta lançou o livro Morte e vida de grandes cidades, em 1961, fazendo uma ofensiva aberta à carta de Atenas sobre a ideia de setorização ou organização espacial da cidade, concluindo que a diversidade é o único meio capaz de garantir a vitalidade urbana. Em sua teoria, teve a tarefa de entender, por meio do comportamento dos locais, as trajetórias de desenvolvimento, criação e funcionamento da cidade, com o objetivo de refutar a teorias ortodoxas da arquitetura e urbanismo que não supriam a necessidade essencial do ser humano, a de viver e ser vivo, trancando-o em conjuntos habitacionais e condomínios fechados, longe das ruas e das pessoas. Trabalhando como Jane observou North End ou a Hudson Street, em Nova York, esse artigo se propõe a estudar as cidades reais, partindo do macro, as grandes metrópoles, para o micro, a rua Antônio Félix no município de Patos - PB, levando em consideração que as pessoas não são fórmulas matemáticas. Então, deve-se observar suas particularidades e trabalhá-las a partir de erros e acertos, trazendo à tona as cidades vivas.

## **2 METODOLOGIA**

A metodologia de pesquisa utilizada, tal como de coleta de dados, foi a etnografia. Em oposição ao chamado “saber pré-etnológico” ou “antropologia de gabinete”, definida e

apontada por Laplantine (2003) como os estudos sobre determinada cultura, povo ou região em que não existe o contato direto com estas, apenas a partir de pressupostos metafísicos e lógicos (o que era bastante presente antes do século XIX e o surgimento da antropologia, por isso é denominado “pré-antropológico”), a etnografia se trata de estudar tais objetos por meio de uma pesquisa realizada em campo, analisando dados a partir de uma perspectiva interna partindo do pesquisador, levando em consideração que:

“interpretar o significado das culturas implica em reconstituir, em sua totalidade, o modo que os definem enquanto tais, na sua estruturação interna e nas suas relações com outros grupos e com a natureza, nos termos e a partir dos critérios de racionalidade desse grupo”.

(ARANTES, 1982).

Ainda, frisando a relevância do viver antropológico, Evans Pritchard (1975) nos lembra que a prática etnográfica consegue desenvolver a alteridade e possibilita a ruptura das tantas ordens hierárquicas e preconceitos que rodeiam as pessoas, pois, com a vivência, as palavras ganham cor e significado: é a história e relações de pessoas contadas e vivenciadas de pessoas para pessoas.

Desta forma, este trabalho através da vivência etnográfica foi capaz de obter dados que possibilitaram a análise que viria a ser posteriormente feita acerca da rua Antônio Félix, localizada no bairro do São Sebastião na cidade de Patos, Paraíba. Durante a atividade, foram realizadas diversas perguntas aos moradores da rua, a fim de proporcionar a compreensão acerca de seu funcionamento com os conceitos que Jane Jacobs aborda em sua obra Morte e vida de grandes cidades, em que foram feitas gravações e fotografias para a coleta de dados, todas devidamente autorizadas por aqueles que eram “entrevistados”.

### **3 DESENVOLVIMENTO**

Como dito anteriormente, esse trabalho é uma análise da rua Antônio Félix com base nas teorias que Jane Jacobs formulou em seu livro Morte e vida de grandes cidades. Ela lançou-o em 1961 com base no método de observação (sendo uma jornalista autodidata em arquitetura) e, de acordo com as palavras do Prefácio brasileiro de 2011, somou-o às críticas dos princípios funcionalistas da arquitetura e urbanismo moderna. Jacobs explica que o livro é um ataque aos fundamentos do planejamento urbano e da reurbanização vigentes, em que, ao longo do trabalho, a autora demonstra como o planejamento urbano tem sido prejudicial às cidades e pobre em diversidade (NETO e PALACIOS, 2012), destacando como o que ela chama de

(83) 3322.3222

contato@joinbr.com.br

www.joinbr.com.br

urbanismo ortodoxo vem se baseando no senso comum de separação dos usos e funções da cidade e a utilização de áreas verdes como uma utopia de recuperação da vida próxima da natureza (NETO e PALACIOS, 2012).

A Jane, em seu livro, demonstra que as cidades vêm sendo saqueadas em sua cultura, em que o poder dominante dos planejadores ganha força com argumentos baseados em consequência do “investimento”, em um patamar que os princípios da aparência e comportamento vem sendo colocados em holofotes contrapondo as cidades reais. Ela defendia as altas densidades das metrópoles, não a metrópole de Le Corbusier, mas a cidade tradicional. É a partir dessa crítica que Jacobs fundamenta sua própria teoria do urbanismo (NETO e PALACIOS, 2012). Com base nela, Jane elabora, então, pilares que regem uma cidade viva e, monta dessa forma, a teoria de urbanismo que foi observada nesse artigo.

Jacobs divide seu livro em 4 partes, sendo a primeira fazendo menção à observação do comportamento social da população; a segunda levando em consideração os diversos usos e desusos de uma cidade; a terceira, por sua vez, trazendo à tona aspectos que regem a decadência das cidades; e a última e quarta parte com, por fim, sugestões e discussões acerca do problema real das cidades. Neste artigo, serão discutidos com mais enfoque os dois primeiros enxertos do livro, visto que eles são imprescindíveis para o entendimento do espaço à nossa volta, visto que a própria Jacobs afirma em seu livro que as cidades não podem ser transformadas com base em um manual de instruções nem serem ensinadas em uma disciplina, com regras já feitas como uma totalidade, já que cada uma tem sua cultura e suas particularidades. O base em princípios estagnados e mecanizados é um dos problemas que ela critica no urbanismo ortodoxo. Dessa forma, é importante tratar acerca das discussões de Jacobs e tentar observá-las no contexto da rua.

Jacobs, então, estudando o funcionamento detalhado de alguns bairros de cidades americanas leva em conta seus órgãos mais vitais. Para ela, suas ruas e calçadas (NETO e PALACIOS, 2012). A partir destas, ela desenvolve uma discussão abrangente sobre como as combinações de usos e as redes de afetividade e relacionamentos que as pessoas estabelecem nas ruas ajudam a constituir uma diversidade que preservam a civilização. Para Jacobs (2011), as cidades têm como característica uma diversidade de usos complexa e densa. O planejamento deve catalisar e nutrir estas relações funcionais, ou relações de usos.

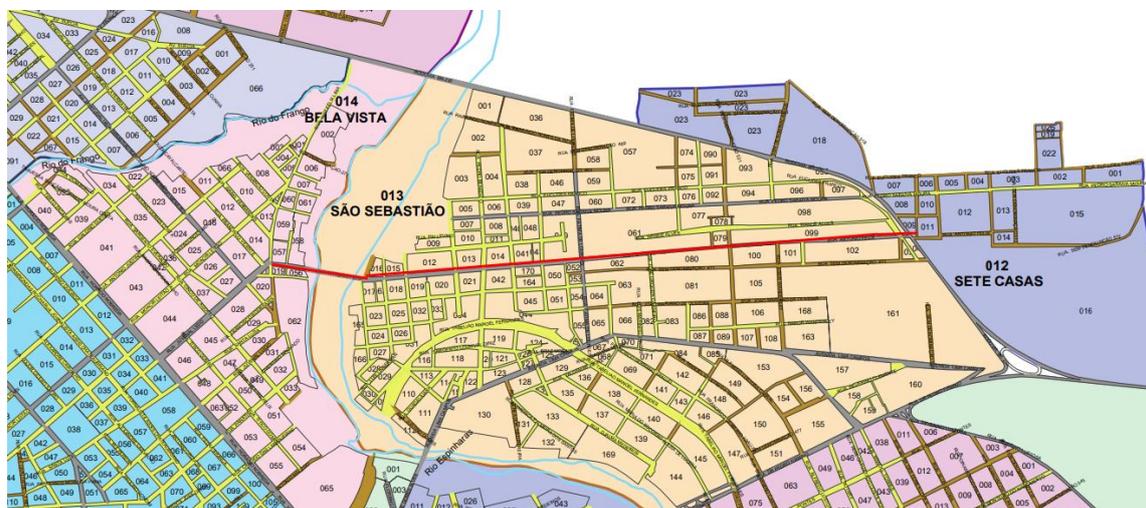
Na concepção da autora, as ruas não servem só para veículos, assim como dita autoritariamente o senso comum ou as teorias de planejamento urbano (tal como Le Corbusier e a modernidade pensam em projetar suas cidades), assim como as calçadas não servem apenas

para os pedestres, já que estas mantêm a segurança por meio de usos limitantes e seus próprios usuários, que acabam se tornando protagonistas ativos do drama urbano da humanidade contra a barbárie. Dessa forma, as calçadas e ruas acabam formando uma rede complexa de movimentos e usos que não se limitam apenas à garantia de segurança, mas passam por patamares que promovem o sucesso ou o fracasso das localidades. Se há, portanto, complexidade e pessoas vivas que garantam usos diversos, há o sucesso. Se há a estagnação, medo e a não complexidade, há o fracasso. Aqui, neste artigo, há o estudo dos processos descritos pela autora, levando em consideração suas palavras, quando esta diz que não se deve imitar o sucesso dos lugares sem entender o comportamento das cidades através do aproveitamento de vantagens e pontos fortes destas.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

### 4.1 Aspectos históricos

**Figura 1:** Mapa da rua Antônio Félix, grifada em vermelho.



**Fonte:** Google.

A rua aqui trabalhada é denominada Antônio Félix. Esta se localiza hoje no Bairro do São Sebastião, antigo Bairro da Vitória, na cidade de Patos - PB, assim como indica a figura 1, em uma região periférica de subúrbio com vias expressas que a ligam aos bairros mais economicamente importantes do município: o Centro e o Belo Horizonte. Esta rua teve início próximo ao Rio Espinharas e logo se espalhou pela linha retilínea e por suas proximidades, dando nome aos trechos que eram chamados de Enchuí, Pé Rapado e Berra Bode, todos nomes

vivos, atualmente falando, nas memórias dos idosos ainda residentes do local. No Enchuí surgiram as primeiras casas da localidade, já que este cobria a localidade da rua mais próxima da atual ponte, e seu nome surgiu pelo fato do morador mais conhecido ser dono um sítio denominado Enchuí. O Pé-rapado, por sua vez, ficava entre o Enchuí e o Berra Bode e ia até o que é hoje uma pequena ponte com uma passagem molhada, como mostra a figura 2. O nome Pé-rapado veio dos meninos do antigo time de futebol chamado Bariri, já que esses meninos jogavam descalços e, quando eram derrotados por outros times, eram chamados de pé-rapados. O Berra-bode, por sua vez, cobria o fim da rua e seu nome seu deu graças a uma criação de bodes que berravam muito. A Antônio Félix, em sua história, dessa forma, começou na contramão do que seriam os ideias do planejamento urbano que tanto Jacobs critica em seu livro: a rua é um caos para os planejadores ortodoxos, já que esta começou ao redor do rio Espinharas e foi crescendo em conformidade com a aparição de pessoas e do comércio, sem partir de um planejamento ideal. Jacobs, em seu livro, atenta sobre a importância de entender as cidades vivas, a história e cultura das pessoas. Não há maneira de pensar espaço significativo desacompanhado de história que o explique (quando se trata dos chamados "povos sem história" substitua-se história por mito...) (SILVA, 1985). Da mesma forma, é impossível imaginar história ou mito não referenciados a espaços reais ou imaginários. Dessa forma, se dá a importância de tentar enxergar esses pontos cruciais da cidade como um organismo vivo e com histórias.

**Figura 2:** Marco da ponte sobre o riacho que dividia o Pé-rapado e o Berra-bode.



**Fonte:** O Autor.

## 4.2 Aspectos quanto às desigualdades

Como dito, a rua Antônio Félix está localizada em uma região periférica da cidade, em que grande parte da população possui renda consideravelmente baixa com suas casas em sua grande maioria simples e pequenas, possuindo pequenos comércios como mercados e padarias. Cruzando a ponte que faz parte da rua, de sentido retilíneo, existe o bairro do Belo Horizonte, cuja região possui um desenvolvimento econômico e social bastante superior ao local em que a rua estudada está localizada. Por exceção das casas próximas à ponte e ao rio que está abaixo dessa travessia, é possível notar rapidamente a diferença das construções entre um local e outro. Enquanto as moradias da rua Antônio Félix são pequenas, muito coladas umas nas outras e algumas destas até mesmo se encontram em estado de mal conservação, no Belo Horizonte as casas são maiores, espaçosas e possuem cercamentos, afastando-se umas das outras, como fortalezas de classe média. Além disso, o Belo Horizonte detém a maior faculdade particular da cidade, prédios residenciais, comércios e o principal e maior Shopping Center da cidade. Para os urbanistas, ele, então, é um bairro ideal com potencial econômico. A soma desses fatores com outros aspectos que envolvem a atmosfera social gera um estigma ruim em relação ao São Sebastião e a rua de cruzamento desses dois bairros: a Antônio Félix. A consequência dessa desigualdade social latente é vista em frases como “aquela rua é perigosa” ou “cuidado ao atravessar a ponte, pra não ser assaltado”, estas que podem ser frequentemente ouvidas entre os moradores da cidade.

Há muito tempo se fala sobre a condição das ruas e bairros nos centros urbanos, referindo-se a tais como violentos e perigosos, agindo assim de maneira generalizada, principalmente quando esses são periféricos ou marginalizados. Para Jacobs, as ruas são organismos mais complexos do que aparentam, e muito do que determina sua segurança pode ser encontrado nas calçadas.

## 4.3 Aspectos quanto à segurança

Em uma escala, o que mediria a segurança de um local não seria a quantidade de viaturas que se deslocam durante o dia, nem a presença de guardas noturnos ou câmeras, apesar destes serem de certa forma importantes, e sim a movimentação daquele trecho, se há ali pessoas realizando as mais variadas atividades, os chamados “olhos da rua”, estes que são agentes que vivem ou não no local e que são responsáveis pela constante vigia e manutenção deste, sendo assim, crianças brincando na calçada ao mesmo tempo em que existem pais observando,

comerciantes e o fluxo de pessoas que surge devido suas vendas, indivíduos que translocam pelo local a fim de que se possa chegar a outro destino, idosos que se sentam na calçada ao final do dia para conversar com seus vizinhos e amigos, ou seja, uma rede de controles e padrões de comportamento na sociedade que proporcionam a vivacidade. Andar pela Antônio Félix é presenciar esses padrões a todo momento. Um dos conceitos apresentados por Jane e que é incluído dentro desses, assim como os olhos da rua, se trata do “balé das calçadas”. Para explicá-lo, a autora diz:

Sob a aparente desordem da cidade tradicional, existe, nos lugares em que ela funciona a contento, uma ordem surpreendente que garante a manutenção da segurança e a liberdade. É uma ordem complexa. Sua essência é a complexidade do uso das calçadas, que traz consigo uma sucessão permanente de olhos. Essa ordem compõe-se de movimento e mudança, e, embora se trate de vida, não de arte, podemos chamá-la, na fantasia, de forma artística da cidade e compará-la à dança – não a uma dança mecânica, com os figurantes erguendo a perna ao mesmo tempo, rodopiando em sincronia, curvando-se juntos, mas a um balé complexo, em que cada indivíduo e os grupos têm todos papéis distintos, que por milagre se reforçam mutuamente e compõem um todo ordenado. O balé da boa calçada urbana nunca se repete em outro lugar, e em qualquer lugar está sempre repleto de novas improvisações.

(JACOBS, 2011).

Na rua abordada, o balé das calçadas já pode ser presenciado durante a manhã, quando se dá início ao horário comercial e os mercados, padarias, lan houses, salões de beleza, algumas pequenas lojas e postos de gasolina abrem suas portas, gerando certa movimentação no local. Donas de casa ou seus filhos, quando são ordenados, saem de seus domicílios e vão até uma das esquinas da rua comprar pão para o café da manhã; idosos aposentados colocam as cadeiras para fora e lá permanecem, observando a agitação do local, como é o caso de um dos senhores que ali residem e que será referido aqui como Seu Júnior, que passa grande parte do seu dia sentado próximo a umas das praças de mototáxi do local apenas conversando com os motoristas do ponto. É possível também avistar as crianças e adolescentes que marcham em direção às escolas, que geralmente se situam no Centro ou no Belo Horizonte, e a grande quantidade de pessoas que transitam pelo local como meio de acesso a esses bairros com o intuito de ir ao trabalho. À tarde, o processo se mantém basicamente o mesmo até o seu final, quando os estudantes e trabalhadores passam novamente pelo caminho para que possam retornar a suas casas e os pequenos bares de esquina, soparias e pizzarias iniciam suas atividades, atraindo a atenção de pessoas de todo o bairro. A presença de igrejas na rua também se faz fundamental, visto que em certos dias da semana elas também são capazes de trazer certa movimentação para a região. O balé apenas se esvaece quando, por volta das 21:00, os principais comércio se

fecham, como o “MiniBox Esperança”, que é um dos principais polos de movimentação da rua, e até mesmo do bairro. Passado esse horário, apenas alguns bares se permanecem abertos, e a maior quantidade de pessoas que transitam pela rua são mototaxistas buscando por um passageiro. Quando um novo dia amanhece, o ciclo torna a se repetir, tendo apenas pequenas variações em feriados e finais de semana (facilmente explicadas já que nestes dias o comércio fecha cedo e as demais pessoas não vão ao trabalho, saindo geralmente apenas para realizar algumas atividades de lazer).

A presença dos olhos da rua tal como do balé das calçadas torna, segundo Jacobs, uma rua viva e, conseqüentemente, segura, sendo que ambos se encaixam ao conceito de calçadas e este é tão importante que a autora fala que se, as calçadas não existem, os contatos públicos na rua não existirão. Isto porque a existência destas fornecem uma série de contribuições ao local. No entanto, ela ainda diz que vitalidade por si só não garante somente segurança, e é necessário, também, que a rua forneça infraestrutura para o recebimento de estranhos, estes que são as pessoas que transitam pelo trecho, mas que não necessariamente vivem no local. São três as principais características que proporcionam tal infraestrutura: a primeira é separar o espaço público do privado pois, em muitos locais, principalmente subúrbios e conjuntos habitacionais, isso se faz fortemente presente (Jacobs, 2011). Um exemplo da ocorrência desta invasão na Antônio Félix são as fachadas de lojas que saltam do espaço que a elas é reservado e adentram o espaço das calçadas, misturando-se com o que pertence a todos (público). A segunda característica se refere a presença de olhos virados para a rua, ou seja, a presença de casas e edifícios com janelas, terraços, ou entradas voltadas principalmente para ela. Esta é bastante visível em toda a extensão da alameda, onde as casas proporcionam diversas janelas, e até mesmo aquelas de segundo andar possuem terraços, todos atendendo a esta característica. Por fim, a terceira se refere ao fato de que a “calçada deve ter usuários transitando ininterruptamente, tanto para aumentar na rua o número de olhos atentos quanto para induzir um número suficiente de pessoas de dentro dos edifícios da rua a observar as calçadas” (JACOBS, 2011), o que já foi devidamente ilustrado anteriormente.

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A importância de estudar o funcionamento dos centros urbanos se faz cada vez mais necessária visto as constantes mudanças destes. Se propondo a analisar a rua Antônio Félix por meio das teorias elaboradas por Jane Jacobs é possível concluir, através deste trabalho, que o

objeto estudado, de acordo com as visões da autora, é de fato um ambiente repleto de vitalidade, em que é possível notar o exímio contato entre os moradores do local, onde há segurança presente em grande parte do dia, já que corresponde à grande maioria dos aspectos ditos por ela essenciais (como o conceito de olhos da rua e infraestrutura para estranhos) que aqui foram devidamente adaptados de acordo com as necessidades da região. Assim, ao final deste artigo espera-se dar destaque à relevância de se investigar o meio urbano através das pessoas, levando em consideração aspectos reais e com consequências verdadeiras, diferentemente das perspectivas engessadas e soluções utópicas sugeridas pelos trabalhos dos urbanistas ortodoxos, estes que se manifestam até hoje pelo meio acadêmico e que são, muitas vezes, vistos como os corretos.

## 6 REFERÊNCIAS

ARANTES, A. A. **O que é cultura popular**. São Paulo: brasiliense, 1982.

EVANS-PRITCHARD, E. “**O campo da antropologia**”. In: ZALUAR, Alba (Org.).  
Desvendando máscaras sociais. Rio de Janeiro, F. Alves, 1975.

JACOBS, Jane. **Morte e vida de grandes cidades / Jane Jacobs**. – 3 ed. – São Paulo:  
Editora WMF Martins Fontes, 2011.

LAPLANTINE, F. **Aprender antropologia**. São Paulo: Brasiliense, 2003.

NETO, Edinaldo Ferreira Silva e PALACIOS, Maria das Graças Lima de Souza. **Vitalidade urbana em Jane Jacobs**. Disponível em  
<[https://s3.amazonaws.com/academia.edu.documents/43762383/vitalidade\\_urbana\\_em\\_jane\\_jacobs.pdf?response-content-disposition=inline%3B%20filename%3DVITALIDADE\\_URBANA\\_EM\\_JANE\\_JACOBS.pdf&X-Amz-Algorithm=AWS4-HMAC-SHA256&X-Amz-Credential=AKIAIWOWYYGZ2Y53UL3A%2F20190713%2Fus-east-1%2Fs3%2Faws4\\_request&X-Amz-Date=20190713T184651Z&X-Amz-Expires=3600&X-Amz-SignedHeaders=host&X-Amz-](https://s3.amazonaws.com/academia.edu.documents/43762383/vitalidade_urbana_em_jane_jacobs.pdf?response-content-disposition=inline%3B%20filename%3DVITALIDADE_URBANA_EM_JANE_JACOBS.pdf&X-Amz-Algorithm=AWS4-HMAC-SHA256&X-Amz-Credential=AKIAIWOWYYGZ2Y53UL3A%2F20190713%2Fus-east-1%2Fs3%2Faws4_request&X-Amz-Date=20190713T184651Z&X-Amz-Expires=3600&X-Amz-SignedHeaders=host&X-Amz-)

Signature=7857c5cd835b392db1d7a1b7219555dcbcd8658c604d7fc71fa1afcd7cee6305>.

Acesso em: 13 jul. 2019.

SANTOS, Carlos Nelson F. **Preservar não é tombar, renovar não é pôr tudo abaixo.**

Disponível em <<https://www.passeidireto.com/arquivo/25030491/carlos-nelson-preservar-nao-e-tombar-renovar-nao-e-por-tudo-abaixo>>. Acesso em: 14 jul. 2019.